

Com Pés de Vegécio

O público, dilema de todo o escritor, de todo o comunicador. Também do escritor de ciência, do comunicador de cultura. Cercado na sua solidão, na sua paixão pelo objeto redescoberto, não sabe se é só ele, se tem mais mundo. Vegécio, tratador de equídeos, alto funcionário romano, homem de origem hispânica, correu o império montado no seu cavalo branco, à procura de um público que chegou demasiado tarde. Séculos depois da sua morte (por volta do ano 400) tornou-se uma estrela maior do firmamento da cultura ocidental, um dos autores mais lidos, mais glosados, mais copiados, mais traduzidos, mais impressos da história europeia até ao Renascimento. Vegécio ainda é hoje luz dos tempos, bússola da guerra, bíblia e livro de bolso nas academias militares. Vegécio chamou por mim. Os seus pés não eram humanos, trazia rendas dentro dos sapatos, aço debaixo das solas, futuro nas pontas dos atacadores. Trouxe-me com ele, e ao Zé Braga, e mais recentemente ao Melo e Castro. Viajámos todos nas duas barcas dos seus pés, pregados à armadura coriácea do seu compêndio bélico. Vogámos pelas ondas do misterioso, do inacessível, conduzidos pela mão amiga do António Barros. Assim se juntou ciência e arte, história e poesia, língua e gesto, palavra e risco. Certeza e dúvida numa peça que surpreende e encanta, que interpela e desestrutura as fronteiras triviais do nosso olhar. Afinal, o público estava dentro de nós. Ovgécio vivo e prometaico, que rouba o fogo do Olimpo e devolve ao homem a capacidade imorredora de pensar, de recriar, de acasalar tudo o que nos mantém sempre vivos e acordados para a beleza das coisas e das suas surpreendentes cumplicidades. Obrigado, AB, saravá companheiro, por mais esta lição de eternidade...

João Gouveia Monteiro

Cernache, setembro de 2015